

ÍNDIGO

AS AVENTURAS DE
GLAUBER & HILDA

ILUSTRAÇÕES
CACO GALHARDO



Copyright do texto © 2014 by Índigo
Copyright das ilustrações © 2014 by Caco Galhardo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Rita da Costa Aguiar

Preparação
Thais Rimkus

Revisão
Adriana Moreira Pedro
Luciana Baraldi

Tratamento de imagem
M Gallego • Studio de Artes Gráficas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Índigo	
As aventuras de Glauber e Hilda / Índigo ; ilustrações de Caco Galhardo — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2014.	
ISBN 978-85-7406-643-1	
1. Literatura infantojuvenil 1. Galhardo, Caco. II Título.	
14-07403	CDD-028.5
Índices para catálogo sistemático:	
1. Literatura infantil 028.5	
2. Literatura infantojuvenil 028.5	

2014
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Para Roberto e Regina



Glauber e Hilda em: **MONGA, A MULHER GORILA**

Glauber e Hilda detestavam mudar de casa. Era sempre uma dificuldade encontrar um lugar que atendesse às exigências dos dois. Glauber precisava de contato humano. Hilda, nem tanto. Ela preferia viver entre os bichos.

Nos últimos tempos, o casal havia morado em bicho de pelúcia, boi, tapeçaria de casa de família, cabelo de adolescente e casaco de cantora de música pop. Até o dia em que foram parar em Monga, a Mulher Gorila. Ela foi como uma mãe para eles.

Monga morava no circo do Zé Malaquias. Não era nenhum Cirque du Soleil. Era mambembe mesmo, mas, como todo bom circo, reunia uma trupe de tipos extravagantes, fossem bichos ou não.

Parasitas são bastante influenciáveis pelo meio em que vivem, e, depois que o casal se mudou para Monga, Hilda passou a cultivar desejos secretos de virar artista. A pulga ficava observando a família de malabaristas e pensando em como o mundo é injusto.



Eles nem eram uma família de verdade. Mas Zé Malaquias achou que — como família — os trapezistas gerariam mais interesse. Por isso ele foi criando parentescos entre os artistas. Deu filhos para quem não tinha e casou um homem com uma mulher só porque aparentavam ter mais ou menos a mesma idade. A única afinidade real entre os trapezistas é que nenhum deles tinha medo da morte. Quando se atiravam do trapézio, rodopiando como se tivessem anatomia para aquilo, era por pura falta de juízo. Isso explica por que a mãe não se apavorava quando o filho saía voando. Não era filho dela mesmo...

Hilda, no entanto, havia sido biologicamente projetada para pular cento e cinquenta vezes a altura do seu corpo. Cento e cinquenta vezes! Nem no Circo Imperial da China eles fazem isso. Mas do que adiantou? Ela não tinha tetas e, no meio artístico, sem tetas você não vale nada, não importa quão alto você pule. O público só quer saber de mamíferos.

Glauber tentava consolar a esposa.

— Ô, Hilda... É uma questão de identificação...

— Mas eu tenho tanto a oferecer...

— Eu sei, meu bem. Eu sei...

Hilda se sentia rebaixada. Glauber não tinha esse dilema. Nesse aspecto, ele era mais independente que Hilda. Toda noite, assim que ouvia o público chegando, ele corria para a testa da Monga.



— Vamos lá, Hildinha. Venha ver! É sensacional!

Hilda inventava uma desculpa qualquer.

— Ai, Glau... Já vi esse número mil vezes.

Mas, assim que o marido saía, ela ia atrás para espiar.

A cada apresentação, Glauber ficava mais ousado. Primeiramente ele se agarrava à raiz dos pelos da Monga. Girava e rebolava, esfregando-se feito uma serpente sem-vergonha. Mostrava a língua para o público e ameaçava arrancar a roupa.

“Ai, meu Deus! Pelo menos ele é microscópico”, pensava Hilda.

Depois, quando as luzes começavam a piscar, Glauber largava o pelo, abria as pernas, erguia os braços e estrebuchava, pulando e gritando. Parecia que tinha levado um choque elétrico.

“Esse é meu marido...”

Pobre Hilda... Embora quase morresse de vergonha, não conseguia desgrudar os olhos. Fazia questão de ver até o fim, só para descobrir até que ponto iam as extravagâncias de Glauber. E iam longe.

O ácaro entrava no ritmo da Monga. Quando ela virava gorila, Glauber virava uma espécie de carrapato. Hilda tinha a impressão de que o marido até espichava, desenvolvia garras e salivava de prazer. Nesse ponto, ela voltava para casa e fazia exercícios de respiração, a fim de se acalmar.

Certo dia, Hilda estava pulando de um lado para o outro, na carona de um mico adestrado, quando o



bicho foi parar no ombro do filho do pipoqueiro. O menino estava brincando com formigas. Era um humaninho típico, cruel que só vendo. A brincadeira consistia em tostar as formigas com uma lupa.



Hilda ficou em estado de choque. Depois, teve uma ideia.

No dia seguinte, voltou com o marido. A brincadeira era a mesma. Glauber ficou horrorizado. Não entendeu por que a esposa quis que ele testemunhasse tamanha barbárie. Os dois não eram muito chegados em formigas. Parasitas, em geral, ficam incomodados só de ver o trabalho intenso das formigas, sempre apressadinhas e concentradas. Mas nem por isso acham que elas devam ser exterminadas da face da Terra. Em todo caso, Glauber não entendeu o que eles estavam fazendo ali.

— Tenho um plano — disse Hilda. — Siga-me!

A pulga e o ácaro saltaram do ombro do mico adestrado e adentraram o campo de visão do filho do pipoqueiro.

Sob o efeito óptico da lupa, Hilda se transformou numa grande estrela. Fez uma espetacular sequência de acrobacias, rolamentos e saltos-mortais. Caprichou. O garoto ficou pasmo. Chamou o irmãozinho para ver. Hilda esbanjava uma invejável combinação de impulso, coordenação e criatividade. Depois, muito educadamente, encerrou seu número e fez um gesto que os irmãos entenderam na hora. Era o gesto de quem chama a próxima atração. Glauber entrou em cena.

A apresentação do ácaro foi uma das coisas mais emocionantes que os filhos do pipoqueiro testemunharam na vida. Glauber pulou no polegar do caçula, arrancou um naco de

TOIM!

pele e se serviu feito um troglodita, batendo os punhos no peito, rugindo e se lambuzando com o bife arrancado da plateia. Na verdade, esse número era velho. Mas, pela primeira vez, estava sendo visto!

O caçula saiu gritando aos berros, chamando pela mãe.

Vendo o pavor do irmãozinho, o filho do pipoqueiro se animou e pediu ao casal de parasitas que voltasse no dia seguinte, no mesmo horário. Ele traria mais público.

Foi um período de glória para os dois. Toda tarde, entre cinco e oito menininhos boquiabertos aplaudiam o show da “Pulga na Lupa”. Passaram a chamá-la de “Pulguinha”. A autoestima da Hilda foi a mil.

Glauber, eufórico com o estrelato, passou a inventar novas maneiras de aterrorizar sua plateia cativa. Improvisou um par de dentes de vampiro que causou furor. Tornou-se o “Ácaro Macabro”. Prova disso foi que um dos garotos do público passou a ir de camisa de manga comprida, com punhos bem fechados. E lá ficava, passando calor por amor à arte.

O filho do pipoqueiro estava ganhando um bom dinheiro com o espetáculo de Glauber e Hilda quando, certo dia, eles não apareceram para trabalhar.

Dois dias depois, apareceram, mas então enforcaram o dia



seguinte. Apareceram no quarto dia e faltaram mais três dias na sequência.

O menino se irritou com aquele comportamento irresponsável e decidiu tomar uma providência.

Na semana seguinte, o filho do pipoqueiro esperou pacientemente pelos artistas. Sob o foco da lupa, posicionou uma caixinha de fósforo. A tampa aberta lembrava a boca de um crocodilo faminto. O plano era perfeito. Da próxima vez que Glauber e Hilda dessem as caras, cairiam direto nas garras do vínculo empregatício.

Tudo indicava que o episódio teria um desfecho trágico.

O filho do pipoqueiro só não contava com um detalhe: parasitas são criaturas extremamente sortudas. A natureza lhes concedeu essa dádiva como recompensa por todas as limitações da espécie.

Assim, segundos antes de Glauber e Hilda pularem do ombro do mico, um estranho cão de três patas passou por ali, esbarrou no mico, jogou a caixinha de fósforos longe e saiu correndo.

Glauber e Hilda nunca voltaram para recolher seus pertences nos pelos da Monga. Também nunca lamentaram o abrupto final de “Pulga na Lupa” e “Ácaro Macabro”. Eles não tinham



hábito de trabalhar, cumprir horários nem honrar compromissos. Viviam de maneira descompromissada. Para eles, tudo era impulsionado por desejos passageiros. Assim como se empolgaram com a fase de artistas de circo, logo se entediaram.

Quanto ao filho do pipoqueiro, ele bem que podia ter aprendido uma lição com o episódio, mas não. Voltou a matar formigas.

Monga, cenário desta aventura, nunca desconfiou de nada. Nem notou o sumiço dos nossos heróis. Continua trabalhando no circo do Zé Malaquias, monstruosa e insensível, como sempre.